

# TRIBUNA VA Live

À Biblioteca Pública de Braga

8  
JANEIRO  
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - A MARES

## MAIS UM ANO PARA ESTE JORNAL

Ao dobrar do ano este jornal foi aniversariante, como já vem acontecendo, sucessivamente, há dezassete anos.

É um facto que, de rotineiro, já vem passando despercebido, como se tratasse de uma dama que não quer deixar ver a sua longevidade.

Na pena daqueles que o fundaram e o continuaram há sempre a tendência para lembrar os primeiros dias do pimpolho que lhes dominava a alma e era a esperança de justos anseios.

Foi seu primeiro director o nosso dr. António José da Costa, hoje envolvido nas peias de um grande património, nas andanças de numerosa clientela forense e na direcção da Escola Preparatória de Sá de Miranda, por ser o ministério docente o seu primeiro e grande amor.

Dos homens que ajudaram a nascer este jornal e o acarinharam nos seus primeiros passos, alguns subiram aos mais altos lugares da vida pública nacional ou aos cargos mais representativos da nossa região.

Quem viveu essas horas terá de lembrar o nome de individualidades que hoje

tomam assento no Governo, na Assembleia Nacional ou na chefia do Distrito.

Terá de lembrar, também, com infinda saudade, o nome dos que faleceram, deixando atrás de si a perene recordação da sua personalidade viva e actuante. De entre estes é figura saliente o Padre José António Dias, esse homem público notável a quem devemos palavras de orientação lúcida e sensata, só possível num vulto de excepcional discernimento.

Um Jornal é um canudo por onde se bufa — dizia-nos. Algumas vezes, porém, chamava-nos a atenção por soprarmos de mais. Era, especialmente, contra as repetições. Quando se bate, bate-se mesmo, de uma vez, forte, e larga-se — comentava.

Quem tiver de quedar-se a pensar no início do Jornal, nos seus anseios e aspirações, nos seus bons e maus dias, terá que fixar-se em dois pontos salientes: se valeu a pena fundá-lo e se estão alcançados os objectivos que a isso levaram.

A favor do primeiro diremos que um Jornal é, num aspecto, a alavanca do progresso, e no outro, o repo-

sitório dos factos mais salientes que transmite às gerações vindouras.

Sem o Jornal não se teriam mudado situações de franca inércia, não se teriam realizado algumas das mais caras aspirações e não se trariam à luz do dia factos inúmeros que ficam à disposição dos leitores.

Quanto a terem-se atingido os objectivos que levaram à sua fundação a resposta é, a nosso ver, subdividida. É que temos os objectivos de

(Continua na 4.ª página)

## Tomou posse a nova vereação

No Domingo findo, dia 2 do corrente, foi empossada a nova vereação do nosso Município constituída pelos srs. Padre Albino José Fernandes Alves, António Alves da Mota, Jaime de Abreu Dias e José Gonçalves Leite, eleitos por unanimidade em sessão ordinária do Conselho Municipal de 2 de Dezembro findo.

Presidiu ao acto o sr. dr. Paulo Macedo, presidente do Município, estando presente o sr. dr. Artur Eleutério de Macedo, vice-presi-

dente, e vários amigos dos empossados.

Usando da palavra o sr. presidente da Câmara referiu-se à importância do acto e teceu o elogio dos novos edis que conhece, em quem confia e de quem espera relevantes serviços para o Concelho.

Em breve resumo relatou o esforço que a Administração está a fazer para realizar algumas das mais importantes aspirações do Concelho e do quanto se espera da nteligência e da dedicação dos novos membros da Câmara.

Pelos empossados falou o vereador sr. Padre Albino Alves que dirigiu aos srs. presiden e vice-presidente da Câmara palavras de franco elogio pelo muito já feito, realçando a obra importante que se propõem realizar. A ambos prometeu a mais leal e delicada colaboração de todos os vereadores que, disse estão prontos a cooperar numa administração dinâmica que afaste com firmeza os que só pretendem perturbar e nada fazem de construtivo.

No final os empossados receberam as felicitações dos presentes.

## AS BODAS DE CANAÁ

Fôra a SSma. virgem às Bodas de sua prima Ana em Canaá da Galileia, e com Ela fôra Jesus.

Quando, em pleno banquete faltára o vinho, e já corria o rumor entre os convivas, a família da noiva, alertada pelos criados sentira a maior das agonias perante o facto que os colocava em pleno dilema!

Maria, a Mãe que se compadece dos que sofrem. A toda misericórdia, cicia ao seu dilecto Filho: eles não têm vinho! Porém Jesus responde: ainda não chegou a minha hora. Este não chegou a minha hora, queria significar que não tinha chegado o momento de se dar a nós e por nós como vítima no Calvário e como Amor incommensurável no silêncio da Eucaristia, no Pão e Vinho como alimento das almas.

Mas Jesus, o Doce Nazareno, ordena aos criados que encham de água as talhas, que em seguida transforma em vinho, no delicioso e divino nectar que veio suprir tão grande falta! Ide e apresentai-o ao arquitriclino a fim de o provar.

Os circunstantes dizem então ao chefe de mesa: como?... Então, é costume servir em primeiro lugar o melhor vinho, e tu aqui apresentas este no final do banquete? Era de facto maravilhoso este vinho saído das mãos de Jesus! Fôra o seu primeiro milagre ao encetar a vida pública.

Quantas vezes imploramos

de Deus um milagre, desesperamos, ouvimos da Providência Divina, blasfemamos com o célebre «Deus não me ouve, Deus não me quis ouvir», sem meditarmos nos principais degraus pelos

(Continua na 4.ª página)

## Iniciou o seu mandato a nova Mesa da S.ta Casa

Recentemente eleita, tomou posse, na segunda feira passada, a nova Mesa da Santa Casa que é assim constiuída:

Provedor — Paulo Barbosa de Macedo; Secretário — Padre Albino José Fernandes Alves; Tesoureiro — Dr. Artur Eleutério Macedo; Vogais: Dr. Eduardo Gonçalves, José António Pires, Agostinho César Correia Peixoto e João Gonçalves.

O sr. provedor agradeceu e disse algumas palavras para salientar o muito que se tem feito e está a fazer para pôr o Hospital a funcionar. Em seguida agradeceu a todos os mesários a prova de confiança que lhe deram, especialmente aos que entram de novo, srs. Padre Albino Alves e dr. Artur Eleutério de Macedo, salientando o muito que o Concelho lhes deve e o muito mais que todos esperam da sua acção.

Com as felicitações usuais foi encerrado este acto solene e de muita importância para a vida do Concelho.

## 5.ª COLUNA

Não tenho raiva a ninguém! Faço ideia de quantos a têm. E lembro-me, nesta hora hiemal, (desculpe, Lector, estou a escrever ao domingo) das minhas fracas — fraquíssimas — possibilidades de ter ar condicionado em casa!... Não tenho, mas, enfim, também não tenho raiva dos que o têm. Não se admire, pois, de ter falhado com esta humílima crônica, mas o Inverno é castigador e eu, que chego a casa enjerido pelas 4 horas da manhã (não confundir com as 4 da tarde) falta-me coragem para espremer meia dúzia de frases sensaboronas, como as que geralmente aqui apresento.

Hoje, como é domingo, e logo calhou de ser feriado no dia 1 e folgar no dia 2, resolvi-me a desejar-lhe que tenha tido boas-festas e fazendo votos por um ano

(Continua na 4.ª página)

## Mini-Gazeta

Que tal foram essas festas?  
Tão bonitas, tão airosas,  
Tão cheias de luz e rosas,  
Tão belas e tão rendosas  
P'ra meia dúzia de bestas!

Eu, que sou burro chapado,  
Lá as passei razoáveis,  
Tive convites amáveis,  
Cartões e cartas laváveis,  
De quem teve esse cuidado.

Mas a renda qu'isto dá,  
A quem vive da festança,  
Faz carregar bem a pança,  
Não precisando ir à França,  
Por que cá é o maná...

Seja, porém, como for,  
A vida, assim continua:  
Uns a andar pela rua;  
Outros com grande «perua»;  
— E mais um ano de dor!

DAVUS

# Angústia Humana

Mais um ano terminou e, conseqüentemente, outro principiou. Desta feita, embora não minuciosamente, uma vez que a vida particular não me proporciona aquele tempo suficiente para estar ao corrente de todos os factos mundiais de maior importância positiva ou negativa, é meu desejo fazer uma visão retrospectiva sobre o modo como humanamente foi conduzido durante o ano que agora findou.

Pois é verdade, e a primeira conclusão será, portanto, negativa, se reflectir um pouco sobre o grande, variado e complicadíssimo panorama do que foi o mundo humano que agora terminou, teremos como grande verdade isto: a Humanidade caminha num egoísmo positivamente mau.

Tanto se fala de paz, concórdia, progresso e entreada dos povos, sobretudo dos industrializados sobre os subdesenvolvidos! Nada disso se vive. Para tal, é-me suficientemente ver que nas mensagens que os vários governantes fizeram aos governados não houve um que não tenha pronunciado a mais falada e menos vivida palavra paz.

No entanto, para muitos dos homens que regem os povos, e que sobre estes têm grandes e graves responsa-

bilidades, a paz não significa bem comum sobre o bem particular, mas significa egoísmo exagerado. Na base deste egoísmo estão as ideias políticas deste ou daquele partido. Todos podem ter razão, mas se essa razão vai ferir o partido, então surge já um «veto», então há que conseguir na assembleia votos para o partido. Não é isso o que vemos nessa Casa de Vidro de Nova Iorque, onde aparecem sempre os mesmos a fazer bloco?

É caso para perguntar se o assunto é sempre o mesmo. Pobre Humanidade.

Não admira que caminhes desorientada. Não admira que te sintas infeliz e verdadeiramente enferma. Pois muitos dos teus condutores são orgulhosos a extremo, vingativos e conflituosos, positivamente para semear as suas ideias políticas ainda que desumanizantes.

Se bem me lembro, foi o próprio Marx que dizia: «se conseguirmos uma parte da Humanidade marxista, vale a pena ainda que as outras partes sejam exterminadas» Dizem que a Sociedade de hoje está incomparavelmente mais evoluída económica e tecnicamente que a dos tempos passados. Acredito nisso porque os meus olhos vêem. Contudo, quantas vidas desapareceram na guerra durante este último ano!

Quantos lares angustiantes pela falta do filho, do pai? etc...

Quanta fome e doença — conseqüências da maldade dos homens e do seu egoísmo político. São estes predicados também um progresso dos nossos dias? São, sem dúvida, grandes progressos, mas negativos. É que também há o progresso da maldade e do ódio. Por isso, enquanto às cavernas surgiram os arranha-céus, às inconscientes barbaridades dos povos primitivos surgiram as chacinas conscientemente miseráveis. Olhem o que se passou muito recentemente no Paquistão. Sob o aspecto de maldade não está o mundo muito mais avançado que o mundo bárbaro, primitivo e bestial? Que responsabilidade têm muitos chefes ao causarem ondas de sangue, ao arrastarem para a morte tantas vidas ao incendiar ou metralhar sem qualquer escrúpulo vidas indefesas e inocentes como as crianças, os velhinhos, os hospitais, creches, como aconteceu no Paquistão ao findar o ano de 71? Que importa a estes inconscientes devastar a ferro e fogo, arrasar, mutilar tantas vidas, reduzir a pó tanta gente inocente?

Velho de Grimancinhos

## EDITAL

ARNALDO DA SILVA TOMÉ, Tesoureiro da Fazenda Pública do concelho de Amares;

Faz saber que no dia 31 do mês de Dezembro se vencem os foros que pertenciam à instinta Comissão Jurisdiccional dos Bens Culturais e que foram incorporados no património do Estado, nos termos do art. 45 do Decreto-Lei n. 30615, de 25 de Julho de 1940, constituindo receita da Federação Nacional das Instituições de Protecção à Infância.

O prazo à boca do cofre é de 30 dias a contar do vencimento que é o primeiro do prazo, devendo o pagamento ser efectuado de uma só vez.

Findo o prazo à boca do cofre, pode ainda o pagamento ser efectuado, ELEVADO AO TRÍPLO, durante os 60 dias que se seguem ao prazo à boca do cofre e se os mesmos não forem pagos durante estes prazos, proceder-se-á ao relaxe.

Tesouraria da Fazenda Pública do concelho de Amares, 22 de Dezembro de 1971.

O Tesoureiro da Fazenda Pública,  
Arnaldo da Silva Tomé

### VENDE-SE em Paredes Secas

Eido e casa, no lugar Novo, com estrada pelo meio e água.

informa — A Família Leite

Lugar da Quintão Paredes Secas  
Vai á praça no dia 23 do corrente da parte de tarde no referido lugar

Bombeiros V. Amares 62162

## CALAFRICO

(Continuado do número anterior)

—Uma coisa horrível?

—Sim... era... Valha-me Deus, se eu sei o que ele era!

Mrs. Grose uma vez mais olhou receosa em volta; poisou os olhos nas trevas distantes; depois, reanimando-se, voltou-se para mim numa brusca inconseqüência.

«São horas de irmos para a igreja.

—Oh, eu não estou em condições de ir para a igreja!

—Talvez lhe fizesse bem.

—Não a eles...!» e ergui a cabeça na direcção da casa.

«A's crianças?

—Não as posso deixar sòzinhas, agora.

—Tem medo...?»

Atrevidamente, repliquei:

«Tenho medo dele».

A larga face de Mrs. Grose mostrou pela primeira vez um desmaiado vislumbre de uma consciência menos firme: fosse como fosse, compreendi no lento amanhecer de uma ideia, que eu própria lhe não sugerira ainda, perfeitamente obscura. Ocorre-me que pensei imediatamente nisto, como se fosse uma possibilidade que se me oferecia nela; e vi que isto estava relacionado com o desejo que ela mostrara, de um momento para outro, de saber mais alguma coisa.

«Quando foi isso... da torre?

—Cerca do meado do mês à mesma hora.

—Estava assim tão escuro?» perguntou Mrs. Grose.

«Oh, não, nada que se pareça com isto. Vi-o tão distintamente como a estou a ver à senhora.

—Então, como entrou ele?

—E como saiu?» sorri «Não tive tempo de lhe perguntar! Esta tarde, como vê,» prossegui, «ele não conseguiu entrar.

—Espreitou apenas?

—Espero que não tenha passado daí!»

Mrs. Grose havia agora soltado a minha mão; recuara um bocadinho. Esperei um momento. Depois, tornei:

«Vá para a igreja. Adeus. Eu fico a vigiar.»

Lentamente, voltou-se de novo para mim.

«Desconfia que lhes aconteça algum mal?»

Encontrámo-nos num outro demorado olhar.

«E a senhora, não?»

Em vez de responder, aproximou-se da janela e esteve durante um minuto com a cara encostada à vidraça.

«Está a observar o que ele podia ver?» continuei, entretanto. Ela não se moveu.

«Quanto tempo esteve ele aqui?

—Até eu sair. Quis vir ao encontro dele».

Mrs. Grose, por fim, voltou-se, e na sua cara ainda existia uma tranquilidade maior.

«Eu não teria sido capaz de vir cá fora.

—Nem eu!» ri-me. «Mas vim. Era o meu dever.

—E o meu!» retorquiu ela; depois, acrescentou:

«Com quem se parecia ele?

—Pudesse eu dizer-lho... Não era parecido com ninguém.

—Ninguém!» exclamou ela.

«Estava sem chapéu» Depois, vendo-lhe no rosto que ela achava nisto, com um mais profundo horror, qualquer pincelada de um retrato conhecido, logo acrescentei, traço por traço: «Tinha o cabelo ruivo, muito ruivo, encaracolado, e uma cara pálida, alongada, feições correctas e miúdas e umas suíças um tanto estravagantes, ruivas como o cabelo. As sobrancelhas eram escuras; pareciam arqueadas de uma maneira particular e dir-se-iam moveis. Tinha uns olhos penetrantes, muito estranhos; mas apenas pude ver distintamente que eram sobre o pequeno e muito fixos. A boca era grande, de lábios delgados; cara rapada, à excepção das suíças. Deu-me a impressão de ter atitudes de um actor.

—Um actor!» Era impossível alguém poder parecer-se menos com um actor, pelo menos naquele momento, do que Mrs. Grose.

«Por mim, nunca vi nenhum, mas é assim que os julgo. Era alto, apumado, desenvolto», continuei. «O que ele não era, porém — oh, não, nunca! — era um cavalheiro».

A' medida que eu ia falando, o rosto da minha companheira ia empalidecendo; os seus olhos redondos estremeceram e a pacífica boca entreabriu-se-lhe.

«Um cavalheiro?» balbuciou ela, perplexa, estupefacta; «um cavalheiro, aquilo?

—Sabe quem é, então?»

Procurou manifestamente dominar-se.

«Mas era bonito homem?»

«Continua no próximo número»

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

(Continuação do número anterior)

### TOPOGRAFIA AMARENSE

Ficamos em Amares. Agora é Figueiredo com os solares de S. Veríssimo, Ribeira e Torre de Vilar. Mais uns passos e temos à esquerda a desmantelada casa de Dornelas, ainda com a torre medieval a erguer às nuvens a silhueta enegrecida de nobre ancianidade. Depois é Goães com os magníficos laranjais, a maior riqueza da terra; e estamos em Santa Marta, nos velhos domínios senhoriais de Nossa Senhora da Abadia. Em frente, na margem esquerda do Cávado, espreitam os de Friande, por entre olivedos seculares, os forasteiros que passam na estrada a caminho de Bouro. Agora se avista já o casario do convento, que, nascido à sombra bem fazeja da Virgem, foi crescendo, crescendo, e, qual filho por conta própria estabelecido nos anos sonhadores da maioridade, abandona a casa materna e se vem aninhar mais baixo, em terras fundeiras e uberes. Quase não vale a pena uma demora aqui no mosteiro. Dos velhos tempos, só um pano de muro paralelo à estrada, mas sacrilegamente cortado na cachorrada românica, por inestéticos janelões que reformadores de mau gosto abriram a cinzel no século XVII. No interior é digno de nota, o alto-relevo dos cadeirais e sobretudo a Sacristia. Repare-se no mimo das pinturas do tecto, onde se veem textos da Bíblia, e no figurado dos azulejos parietais, com a história e a lenda de S. Bernardo de Claroval. De resto, leitor amigo, não obtenho licença para ver mais nada. Só ruínas e desolação. Até o abundante veio de água que atravessa rumoroso a cozinha e dependências, parece protestar contra o imerecido abandono a que votaram uma casa monocal por onde decerto passou Fr. Bernardo de Brito, e onde o isigne historiador Bernardo Brandão exerceu o magistério. Não choremos, que lágrimas demonstram fraqueza, mas, embora de coração angustiado, subamos à encosta da montanha. Pertence ao Santuário a estrada por onde se trepa num decurso de alguns quilómetros. Já fica o largo para traz. Lá em cima, à esquerda de quem sobe, é Paradelas de Frades com habitações encasteladas no meio das rochas, ao lado e no alto, a ermida de S. Bento, vendo o alto do Arrebeitaço, já se avistam os primeiros «Calvários», agrestes serranias dum e doutro lado; e no fundo, a

surgir por entre fragedos, o Nova, que oriundo dos páramos de Santa Izabel, se precipita, serra abaixo, até alcançar o Cávado remansoso. Um recanto da Suíça, dirá quem vai à Senhora da Abadia pela vez primeira. Plântanos enormes marginam o terreiro que dá acesso ao adro do grande Santuário. Lá está a frontaria grandiosa, anunciada a quem chega, por um grande e artístico cruzeiro talhado no findar do Século XVIII. Dos lados, a casa da Mesa e os Quarteis». Ficas extasiado, viandante? Não viste ainda tudo, nem o principal. Levanta os olhos das maravilhas da arte, e contempla a natureza deslumbrante. O custo da escalada e os carinhos do suor valem bem menos que a majestade da Natureza ali do alto surpreendida. Tudo isto e o mais que se não descreve, por intraduzível em linguagem humana faz do panorama do Monte de São Miguel um dos mais característicos e sedutores que se podem observar. É portanto a Abadia uma relíquia Amarense a apontar o seu valor histórico na vida social, política e religiosa e que milhões de portugueses conhecem desde o princípio da Veneração dessa sedutora Imagem da Virgem Maria. Que os Amarenses não se esqueçam de pugnar pelo seu desenvolvimento turístico como obra de Deus e da Pátria, são os votos meus para juntar a tantos que sentem no coração o mesmo desejo.

Elísio Gonçalves

## Aniversário

### José Tavares

Na próxima terça-feira, dia 11, passa mais um aniversário natalício o nosso distinto colaborador no Canadá sr. José Tavares.

Zéca; Tu, no Canadá aonde te encontras, vais desculpar a ousadia da Tribuna em trazer a lume o teu aniversário, pois sabe que não gostas nada de propaganda nem de louvores à tua pessoa. Mas ao interesse em colaborar desinteressadamente com o Jornal do Concelho e às tuas sempre oportunas crónicas, não podia a «Tribuna Livre» ficar alheia nem deixar no olvido tão feliz acontecimento, com preces a Deus para que esta data se repita por anos sem fim.

Os teus familiares enviam-te, para ti e tua esposa, muitos parabéns e, com um abraço, desejam-te muitas felicidades.

## Vida elegante

## Aniversários

### Fazem anos:

Na próxima segunda-feira a menina Maria da Conceição Pereira Gonçalves.

No dia 11 a senhora D. Joaquina de Barros Azevedo.

No dia 13 o sr. Adão Arantes Russell.

No dia 14 o sr. Manuel Augusto Alves Vitoriano, o sr. Basílio da Silva e o sr. Manuel da Silva Gomes.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.

\* \* \*

Hoje, dia 8, passa mais um aniversário natalício o sr. José Rebelo Cardoso, jovem atleta do F. C. A. e nosso particular amigo.

Por tão faustosa data, seus colegas da equipa, a direcção e este Semanário felicitam-no e desejam-lhe que esta data se repita por muitos e felizes anos, e que seja muito feliz na vida militar onde é incorporado no próximo dia 17.

## Aniversário

No passado dia 6 festejou o seu aniversário natalício o 1.º Sargento do Exército sr. Ernesto da Silva.

Assinalando a efeméride, sua Esposa e filhinhos felicita-



tam-no e desejam-lhe muitas felicidades.

Tribuna Livre cumprimenta este seu ilustre assinante desejando-lhe muitas venturas e êxitos.

### Leia,

### Propague e assine

### «Tribuna Livre»

## AVISO

ARNALDO DA SILVA TOMÉ, Tesoureiro da Fazenda Pública de Amares:

Faz saber que durante os dias úteis do próximo mês de Janeiro se encontram à cobrança, à boca do cofre, as seguintes contribuições e impostos:

Contribuição industrial B . . . . . 1971

Contribuição predial . . . . . 1971

Imp. s/ as sucessões e doações (anuidades) 1971

### CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

A contribuição industrial deverá ser paga em duas prestações iguais com vencimento em Janeiro e Julho, se o montante exceder 200\$00.

As colectas até 200\$00 deverão ser pagas por uma só vez em Janeiro.

Não sendo paga qualquer das prestações ou a totalidade da contribuição no mês do vencimento, começarão a correr juros de mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento da contribuição ou qualquer das suas prestações sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo para arrecadação da totalidade da contribuição ou imposto, considerando-se vencidas as prestações ainda não pagas.

### CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

A contribuição predial deverá ser paga em duas prestações, com vencimento, respectivamente em Janeiro e Julho. Poderá, todavia, pagar-se em quatro prestações, quando o contribuinte assim o tenha declarado no mês de Julho do ano anterior e assim as prestações serão pagas nos meses de Janeiro, Abril, Julho e Outubro, não podendo as prestações ser inferiores a 100\$00. As colectas até 200\$00, são pagas por uma só vez em Janeiro. Não sendo pagas qualquer das prestações cu a sua totalidade, no mês do vencimento, começarão a correr juros de mora. Passados 60 dias sobre o vencimento da contribuição ou sobre o da última de 2 prestações sucessivas, sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá procedimento executivo, considerando-se vencidas todas as prestações.

### Imposto sobre as sucessões e doações (anuidades)

O imposto s/ sucessões e doações (anuidades) deverá ser pago durante o mês de Janeiro. Não sendo pago no mês do vencimento, começarão a correr juros de mora. Passados 60 dias sobre o vencimento do imposto, sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

Tesoura da Fazenda pública de Amares, 22 de Dezembro de 1971.

O Tesoureiro,

Arnaldo da Silva Tomé.

## Conversa!

Esconde como quiseres  
O teu afecto por mim...  
Eu sei o que são mulheres:  
Dizem não p'ra dizer sim.

Por esse caminho vais  
Num absurdo esbarrar  
Não vês que o amar é o mais  
E o menos é confessar?

Ora vamos, anjo meu,  
Confessa! Se amas alguém,  
Esse alguém certo sou eu,  
Ou então... não é ninguém.

Repórter — Tesoura

# Conflito e diálogo

Sempre, mas especialmente no tempo presente que, em relação a nós viventes se diz moderno, o diálogo pode considerar-se maior meio, senão o único, de conciliar os homens.

Evidentemente que para haver diálogo são necessários, pelo menos, dois polos, a não ser que uma pessoa possa dialogar consigo mesmo.

O homem, por excelência sociável, as sociedades, as nações, etc, precisam de dialogar para satisfazerem as suas necessidades. Não é no conflito, mas dialogando, que os homens se reconhecem uns aos outros. Não é na cisão mas no encontro que os homens mutuamente se personalizam. Embora possa haver equívoco, e haverá certamente, é pelo diálogo que podemos conhecer aquilo que as pessoas são e como devem ser. Ao contrário, no conflito sabemos o que as pessoas são e o que não devem ser.

Conflito e diálogo, como disse, dois polos: um positivo — diálogo — e outro negativo — o conflito — que repelem-se, donde se conclui que onde há conflito não pode haver diálogo. Assim dizemos que não se dialoga com quem deseja matar-nos, aniquilar-nos ou humilhar-nos. Também não podemos dialogar com quem nos considera um objecto desprezível. As sociedades, raças, nações que subjagam e oprimem outras não dialogam.

Mas então, uma vez que metade dos povos vive suando, guerreando, e amarfanhando outros, que será da Humanidade sem diálogo? Se é verdade que o conflito impede o diálogo, também é certo que os acontecimentos culturais abrem a porta do diálogo. É através do conflito que os homens conflitantes reconhecem a necessidade de dialogar. Quantos diálogos se deram na história por que antes houve conflitos e nos tempos hodiernos tão prometedores quanto assustadores o diálogo é condição básica para a mútua ajuda e compreensão dos povos.

Hoje, nenhuma sociedade nem nação por mais rica que sejam, podem, pelo menos economicamente, sobreviver sem as outras sociedades ou nações. As economias de cada nação estão de tal modo ligadas ao conjunto económico universal, que nenhuma pode viver sobre si. É um facto que hoje nenhum país se basta a si próprio, tanto para acudir às suas exigências, como para atender ao seu progresso normal.

Por outro lado, a história, mormente a dos últimos cinquenta anos, mostra-nos que a guerra tornou-se humanamente impossível para resolver os conflitos internacionais. Donde a necessidade

de fazer diálogo, mas um diálogo verdadeiro em que os dialogantes dão-se um ao outro como na realidade são. A falsidade, tentativa de comunicar apenas aquilo que se deseja ser, não faz verdadeiro diálogo.

Num mundo em que se fala tanto de solidariedade humana, esta tem de ter por base o diálogo e a cooperação mútua. Só assim é que os homens poder-se-ão conhecer, exprimir e contactar.

Já o Papa João XXIII afirmou: «...a interdependência entre as diversas comunidades políticas, em todos os domínios tornou-se por demais manifesta em nossos dias»...

## 5.ª COLUNA

muito feliz, desunho-me dos deveres ancestrais e cristãos da urbe.

E vem a propósito de boas-festas, o corolário de lamentações a respeito das criancinhas que não têm Natal. E esta lamentação também é ancestral. Todavia faz-me ironizar a caridade com que toda a gente se lembra das crianças (coitadinhas — dizem eles) nesta quadra, por consequência, nesta altura do ano.

É certo que também os comunicados das variadíssimas guerras que polulam pelo Universo, durante o ano, são igualmente piedosos, lamentando a perda de crianças. E até quando alguma, neste mundo, precisa de um medicamento, para lhe curar radicalmente (ou não!) qualquer enfermidade, removem-se montanhas no sentido de a recuperar para uma vida sã e digna.

Mas há, leitor, uma diferenciação tremenda entre a criança que se salva mercê da piedade humana, e da mesma criança que se atira, mais tarde, para a guerra, ensinando-a a matar e morrer — dizem eles — gloriosamente!...

E foi no que eu pensei neste Natal. E é no que penso neste segundo dia do ano de 1972, quando estou a escrever o meu desabafo.

Se não achar bem, isso é consigo, leitor. Por mim, sou assim.

EME ABRIL

## TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

## EM DAX - FRANÇA

### Mortalmente atropelado

António Joaquim da Silva

Há tempos, constou-se cá na Feira Nova, que tinha falecido em França, aonde ultimamente residia com seus pais, o António Joaquim da Silva, conhecido cá no concelho e fora dele pelo alcunha de «TONE TOLO». (Que nos perdôe a família a lembrança da imerecida alcunha, já que o António nada tinha de tolo, pois nunca prejudicou nem maltratou ninguém, era, sim, um simples pobre de espírito; «Mas desses será o Reino dos Céus.»)

Como ía-mos dizendo, constou, mas nós nada publicamos porque nada nos dizia que fosse verdade.

Infelizmente temos agora confirmação por intermédio de seu irmão Manuel, há pouco regressado do Ultramar e há dias chegado também a Dax junto de seus pais.

Apetece-nos, e antes não o fizéssemos, dizer aos nossos leitores quem era o «Tone».

Em todas as freguesias ele tinha «moças». E era vê-lo, ao domingo, de flôr ao peito, com o seu motor bocal em pleno funcionamento correndo. Feira acima, a caminho de Quêspôs (Crêspôs) Ganelas (Dornelas) Caires (aqui ele explicava-se) Figarêdo (Figueiredo) e mais, muito mais freguesias que eram, para ele, um perfeito harém.

E as moças divertiam-se com o Tone. E até nós, quantas vezes, para o ouvir, lhe perguntava-mos: Para onde vais Tone? Ele respondia quase sempre «— A Figarêdo pá, moças boas, casamento, 100 carros, pá,» — e fazia os gestos contando os 100 carros com os dez dedos das mãos. Isto e um sem número de coisas que a gente se ria, mas ria com respeito e nunca o inferiorizando, antes o defendendo.

Tantas vezes falavas em carros e foi um carro que te matou.

Mataram-te. Fos-te morto à porta da casa de teus pais, fora da Estrada Nacional três metros, quando te encontravas sentado numa pedra, esperando teu pai, como sempre o fazias.

Vês como o Mundo é mau? Fizes-te rir tanta gente sem saber que o fazias.

Agora, no Céu, pede a Deus por todos que se riam contigo.

C.

A família enlutada, especialmente aos pais, nossos estimados assinantes, Tribuna apresenta os protestos do mais profundo pesar.

## É Natal!

Natal! Retinem siderais as campainhas  
Num Aleluia feito só de amor, amor!  
Há nos presépios vivos, meigas ovelhinhas  
Balindo ternos cantos ao Senhor, Senhor!

Há prados revestidos de brancura, brancos,  
Que mais parecem mantos de rainhas puras!  
E os homens me parecem mais irmãos, mais franco.  
Encarna-se um ar sóbrio de mais sãs venturas!

Há sonhos lindos, lindos n'alma das crianças,  
E há mais vida, vida, n'alma dos velhinhos,  
E o ar que se respira é doce, só d'esp'ranças!

Já correm ao presépio humildes pastorinhos,  
E eu, que já não tenho dum Natal esp'ranças,  
Imploro-vos, Senhor, a luz nos meus caminhos!

Porto, Natal de 71

GOTA D'ORVALHO

## Telefones para serviços

### DE URGÊNCIA

Hospital da Misericórdia	62174
Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121

## Bodas de Canaã

(Continuado da 1.ª página)

quais Deus pode descer até nós e ouvirmos! Não disse Ele pela voz do Seu Divino Filho Jesus, enchei as talhas? Enchamos pois as talhas da nossa alma! De quê? Da água pura da Graça Divina que Ele derrama sobre nós e tão pródigoamente nos dá através da Penitência, da Oração, da Caridade, da fraternidade do amor, que se buscam no vinho que Ele nos dá e transforma no Seu próprio Sangue, no Pão que nos oferece e transforma no Seu Corpo!

Fitemo-lo, de braços abertos, coração escaldante e sedento de amor por nós!

«Fazei a vontade de meu Pai que está no Céu, e tudo mais vos virá por acréscimo.»

Enchamos pois as talhas, enchamo-las à pressão, a fim de podermos exigir do Senhor! Não disse Ele, deitai alguma água nas talhas, nem tampouco ponde as talhas a meio, mas sim, enchei as talhas!

Vivamos pois à pressão da Graça Divina, ponhamos as talhas a transbordar de amor, de caridade, de graça, a fim de que Deus, que nunca faltará às suas promessas, faça, depois, do milagre que é a nossa vida, o milagre de que carecemos, especialmente o de se nos dar e para sempre na Glória Eterna!

Porto, Janeiro de 1972

GOTA D'ORVALHO

## Mais um ano para este Jornal

(Continuado da 1.ª página)

carácter concelhio e, por via dessa subdivisão, os demais. Só aos primeiros nos interessa neste momento responder e não temos dúvida alguma em afirmar que essas foram alcançadas plenamente.

O nosso Concelho ouviu a voz de uma geração que se não sentia realizada dentro dos parâmetros em que a situavam e a metamorfose deu-se, completa, autêntica, sem homens e nas ideias, sem qualquer possibilidade de reversão.

Como tal voto é filho da certeza, aguardemos que assim aconteça com a possível brevidade.

## Condições de Assinatura

Continente

Ano . . . . .	50\$00
Semestre . . . . .	25\$00

Ilhas

Avião—ano . . . . .	150\$00
Semestre . . . . .	75\$00
Barco—ano . . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00

Brasil

Avião—ano . . . . .	180\$00
Semestre . . . . .	90\$00